DOS CADERNOS QUE DEIXEI

M. BELMONTE DE ABREU

Cara Maria Helena.

Sobre "Dos Cadernos Que Deixei", de que gostei muito, tenho a dizer que:

* A edição "Dos Cadernos Que Deixei", lamentavelmente póstuma, enriquece sobremaneira a realidade cultural do Rio Grande do Sul.
* Entre os poetas da terra gaúcha, *MODESTO BELMONTE DE ABREU* **SE DESTACA PELO INSPIRADO E SUAVE INTIMISMO** de seus poemas que revelam a mesma distinção do colega de turma de Direito de 1936 da UFRGS.
* Apaixonado propugnador do Esperanto, cujo ensino desejava fosse inserido no currículo de 2.º Grau, também verteu para o idioma do congraçamento mundial, poemas de PAULO CORRÊA LOPES, os quais sempre nos remetia e são guardados com muito carinho.

Recebe um abraço de

Iris Potthoff
Corrêa Lopes

Setembro de 1986

DOS CADERNOS QUE DEIXEI

M. BELMONTE DE ABREU

Organização e Coordenação:
Nádia Eliana Chiele Barros
Ilustração: M. Belmonte de Abreu
Seleção de Ilustração: Maria Helena Abreu
CAPA: Auto-retrato feito em
bico de pena pelo autor
sobre pintura do neto
Fábio Abreu Borille.

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Abreu, Modesto Belmonte de
Dos cadernos que deixei / Modesto Belmonte de Abreu. — Porto Alegre: Pallotti, 1986.
168 P.: il. 7

1. Literatura rio-grandense — Poesia. 2. Poesias. I. Título.

CDU 869.0 (816.5)-1

Catalogação elaborada pela bibliotecária Maria da Graça Artioli da Silveira CRB-10/793.

ÍNDICE

O Autor 06
Meu Pai 07
Prefácio 08

Do caderno DENTRO DO MEU CÉU

Vida 15
O Bailado da Luz 17
Satélites 19
A Prece da Vida 21
Súplicas 23
Cinematografando o Azul 25
Malandros da Meia-Noite 27
Fim de Céu 29

Do caderno CÂNTARO DE MADRUGADAS

Maravilhas Nuas 35
Urna de Rubis 37
Morada Vazia 39
A Dança dos Noivados 41
A Farra dos Cristais 43
Bêbado de Luz 45
Vendo uma Corola 47
Meu Roteiro 49

Do caderno ROSÁRIO DE ESTRELAS

Moritz 55
Zilda 57
Vanda 59
Jurema 61
Bizarro 63
Maria 65

Dália 67
Potthoff 69
Maria Helena 71

Do caderno EXCLAMATÓRIA ENCANTADA

Cálices Divinos 77
Espasmo Cinzento 79
Inundação 81
Sonho Diluído 83
O Beijo 85
Ilusão - Realidade 87
Orgulho 89
Inveja 91
Esperança 93

Do caderno ARRABALDES

Contrastes 99
Calceteiros 101
Porto Alegre 103
Tímida Paisagem 105
Lá em Guarapari 107
Ingazeiras do Guaíba 109
Colar de Orquídeas 111
A Caminho do Crepúsculo 113

Do caderno ULTREX MEU BURRICO DE LATA

Ultrex 119
A Mensagem da Poesia 121
Num Banco da Praça 123
Hóstias 125
Postalista Só 127
Trapo 129
Contradeus 131
Quem Me Salva? 133

A Bomba 135
Gira-Vidas 137
Coroa Amarela 139
Antevisão 141

Do caderno GRITO NOVO

Pontinho 147
Fale Dona Morte 149
Dor Oceânica 151
Filosofia do Homem Que Não Apareceu 153
Para os Humildes 155
No Medalhão de Esmalte 157
Devaneando 27
Imantal 161
Grito Novo 163
Quando Eu Me For 165

O Autor

M. BELMONTE DE ABREU, pseudônimo de Modesto Belmonte de Abreu. Nasceu no dia 12 de agosto de 1905, no local de Duas Palmas, município de São Borja (RS) e faleceu no dia 25 de dezembro de 1985 em Porto Alegre (RS), filho do casal José Luiz de Abreu e Benvinda Belmonte de Abreu, já falecidos.

Foi funcionário público Estadual, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Magistrado aposentado do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul.

Foi membro vitalício da Associação Universal de Esperanto, órgão oficial do movimento mundial em prol da língua internacional Esperanto; cultor e divulgador dessa língua. Também foi membro da Liga Brasileira de Esperanto e da Cooperativa Cultura dos Esperantistas, ambas do Rio de Janeiro; do Conselho Brasileiro de Esperanto de Brasília e da Sociedade de Esperanto de Porto Alegre. Adepto dos ideais da Semana de Arte Moderna, deixou prontos vários cadernos de poesias. Cronista e articulista em vários jornais, entre esses do Correio do Povo, Diário de Notícias e Zero Hora, ambos de Porto Alegre; da gazeta Esperanto-Aldono de Bagé, colaborou em vários jornais e revistas esparsos e, no Anuário de Poetas do Brasil — 1978 com o trabalho FASKETO, palavra em esperanto que se traduz "Feixezinho".

Meu pai...

No Natal passado, quando a minha mão segurava a tua, irradiava, antes de tudo, um amor imenso. Embora o teu corpo estivesse debilitado pela doença, deste lugar a fortaleza do velho jacarandá, que me foi fluíndo toda a sua seiva - LENTAMENTE - as mãos dadas, emanando energia e amor. Vi em teus olhos, um pouco receosos, a tentativa de emitir coragem. Isso ajudou aquela seiva a penetrar e misturar-se com o meu sangue. À medida em que teu corpo enfraquecia, o meu ficava (não sei como) desesperadamente forte. E a minha mão antes tímida, assustada e fraca foi segurando cada vez mais forte a tua e a da mãe.

Pai! Foi neste último Natal, quando pensei que estivesse perdendo tudo com a tua falta, que me deste o maior dos presentes. Levaste contigo parte de mim que continha a fraqueza, a insegurança e toda a ilusão. A parte que ficou acumulou anos de experiência, e em poucos segundos, me tornou forte.

Hoje, sem a tua raíz, tento, na terra que deixaste fértil, formar um novo tronco, já com uma grande ramagem vergada pela dor e um broto abrindo suas tenras folhinhas - aquele a quem tantas vezes disseste muito solene com teu jeito brincalhão:

— "O senhor meu neto! O que me faz viver".

Meu pai, meu querido, existia tanta integração entre nós que já nem precisávamos mais falar.

Ao sentir tristeza, quando a saudade vem chegando de mansinho, lembro o quanto fui feliz em te ter como pai por tantos anos. Obrigada, por me teres dado um dia a vida! Conseguiste ser ao mesmo tempo a âncora que traz a segurança e aquele que sabe dar o impulso certo nos mandando ao mar da liberdade. Davas sempre a certeza do bom tempo e a coragem para enfrentar a tempestade. Porque, pai, soubeste ser o timoneiro, o amigo, o proeiro, a vela e a âncora deste barco onde fomos navegando, descobrindo o mar da vida.

Hoje te sinto ainda na brisa leve que sopra a vela e toca o mastro, que tímidamente procuro manter ereto. E é por tudo isso, que reuní neste livro, como humilde homenagem póstuma, uma pequena síntese das poesias que fizeste "pela vida à fora". A intenção é de mostrar a grandiosidade de um coração à outras pessoas que não tiveram a mesma sorte que eu.

Esta é a imagem que ficou - um grande coração!

MARIA HELENA

Prefácio

M. Belmonte de Abreu, a par de magistrado emérito, escritor e poeta, foi também um grande idealista.

E na língua internacional Esperanto foi que encontrou um de seus maiores ideais.

Com o domínio e uso deste valioso instrumento, manteve assídua correspondência, além fronterias, com líderes e personalidades de destaque no cenário internacional, trocando idéias, dando incentivos e externando sua crença num mundo mais fraterno e justo, unido por um idioma comum, neutro, fortalecedor de um entendimento melhor entre os povos.

Nesta obra, lega-nos inspiradas páginas poéticas, plenas de ternura e sensibilidade. Uma visão universalista de quem sempre se ateve às sublimações do espírito, em largos horizontes, onde ideais e sonhos se cruzam nas dobras do infinito.

Em linguagem de raro simbolismo, seus poemas mesclam sons e fragrâncias do cotidiano; um repositório de emoções e devaneios, extravasados em enternecimento e singeleza.

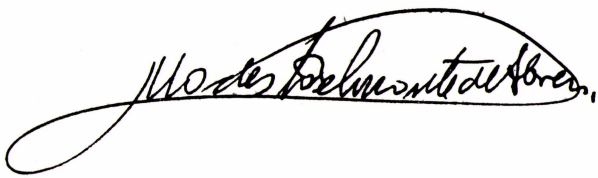
Por serem expressivos também os títulos dos "Cadernos" poéticos em que se organizou este livro, permitimo-nos mencioná-los agora, de passagem, porém sem resistir aos impulsos de ligeira rima:

"Dentro do meu céu",
Há "Cântaro de madrugadas"
E, no "Rosário de estrelas",
"Exclamatória encantada".

Nos "Arrabaldes, "Ultrex,
O meu burrico de lata",
Há de ouvir o "Grito novo"
Que do meu peito desata!

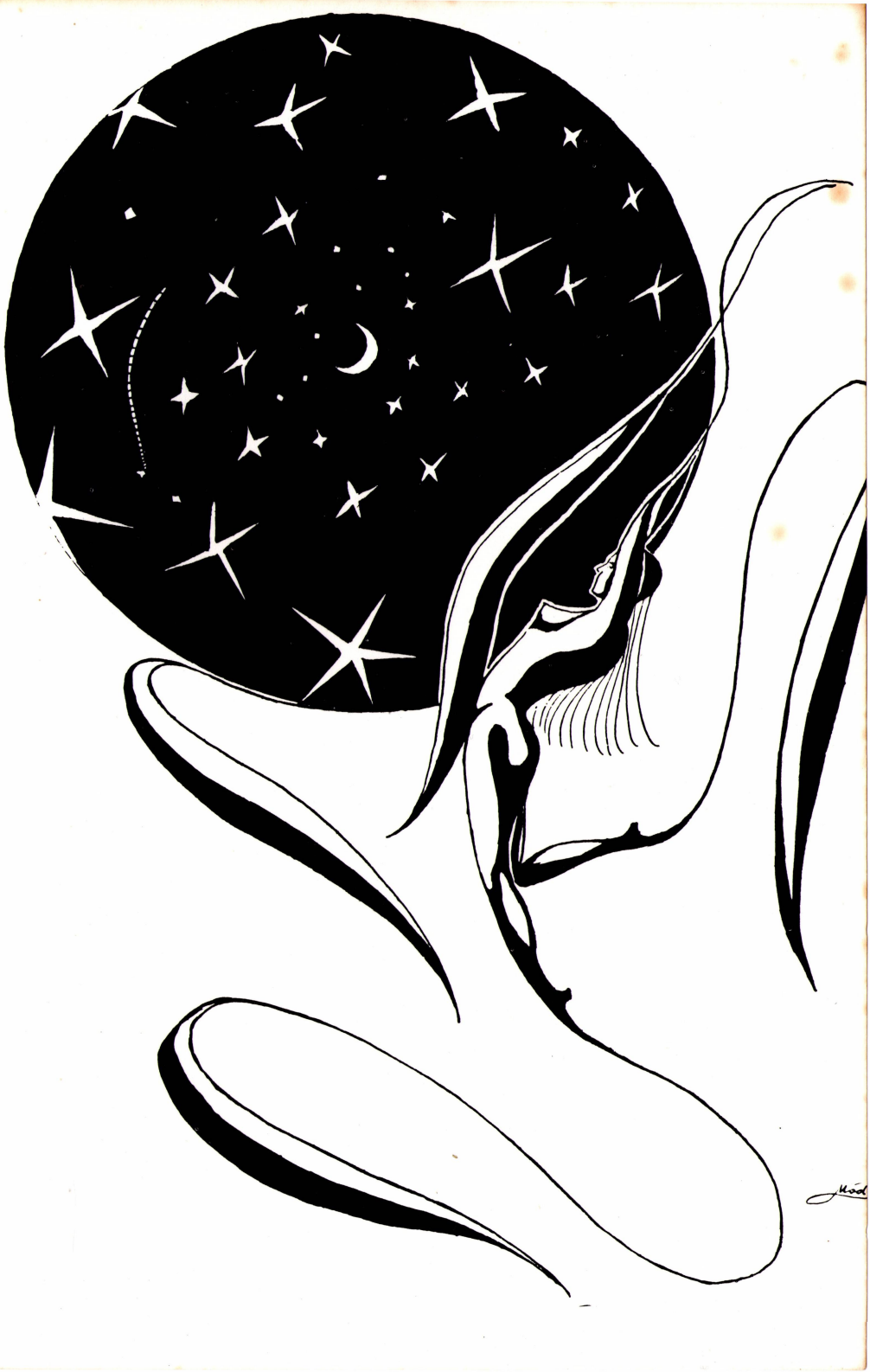
Arq. IVO SANGUINETTI
Presidente da Associação Gaúcha
de Esperanto.

Toda fórmula é uma prisão, por isso, o estilo deste livro não tem formalidades métricas. É um ponto enigmático, pingado no "i" da minha consciência, irradiando florilégios em todas as cadências. É como uma grande mão que se enchesse de pétalas, de cores e de sons e os esparramasse num cantinho qualquer deste grande mundo velho, onde a alma boa do leitor amigo vai recolhê-los.



DENTRO DO MEU CÉU

GRAVURA EM BICO DE PENA FEITA
PELO AUTOR - Dec. 1930



VIDA

Sol !. . .
Oh! sol. . .
Dá-me o teu beijo ardente
o teu grande beijo de fogo
para eu beijar a vida. . .

Lua !. . .
Oh! lua. . .
Dá-me o teu encanto luminoso
e o bálsamo dos segredos muito mansos
que tu guardas no teu seio
para eu cantar a vida. . .

Noite !. . .
Oh! noite. . .
Dá-me o teu silêncio tão solone
com profunduras consteladas
para eu adorar a vida. . .

O BAILADO DA LUZ

Elas estavam todas reunidas
no camarim da noite escura
e começaram a dançar
bem nuas
numa grande farra de luz. . .

Havia na platéia
o aplauso dos meus olhos. . .

A luz daqueles corpos
enchia de carícias
os dois globinhos que sorriam
no roxo macio das minhas órbitas. . .

De repente
sua excelência o crescente
entrou no palco
então o bailado ficou mais lindo. . .

Meus olhos fugiram da platéia
e entraram no cenário. . .
Beijaram a epiderme em luz das bailarinas
e começaram a dançar
o bailado da luz. . .

SATÉLITES

Ela
segurou a lua cheia do rostinho
no côncavo macio das mãos pequenas
- daquelas mãos que eu já beijei!. . .
e ficou pensando longo tempo. . .

A chama dos meus lábios só enxergava
o coraçãozinho bem vermelho
que saltara ainda quente do seu peito
para vir brincar na sua face
tomando a forma da sua boca. . .

Os dois globinhos dos seus olhos
procuraram longo tempo
a carícia dos satélites
e encontraram-na depois
por detraz das minhas pálpebras
bem no fundo da retina. . .

Havia o brilho novo
de uma constelação recente
nas profundezas do meu céu. . .

E o luar bom daqueles globos
encheu de carícias mansas
as duas estrelinhas quase mortas
que giravam
na órbita muito calma
das minhas olheiras muito tristes. . .

A PRECE DA VIDA

Ao Érico Veríssimo

Deus !. . .
Oh! Deus. . . muito grande e muito bom
enche de luz a transbordar
a taça de sonhos multicores
onde minha vida se aninhou. . .

Trinca essa tacinha delicada,
mas embebe-a
na luz das cores nunca vistas
que tu reservas com carinho
para os olhos que hão de vir. . .

Deixa cair uma gotinha de pureza
na treva da minha noite
para que a estrelinha da fé
dance nua no sacrário do meu templo. . .

Então, eu me ajoelharei
diante dessa bailarina muito bela
que é a obra mais sincera de tuas mãos
e rezarei depois
a prece da vida. . .

SÚPLICAS

Mergulhei meu silêncio
bem no fundo das flores. . .

E a floresta
esparramou a sombra a meu redor
e a sombra
começou a cantar baixinho
uma canção tão macia aos meus ouvidos. . .

A voz das sombras consola
porque tem murmúrios de prece
E a prece
é a súplica de amor
que a sombra faz para o silêncio. . .

Sombra !. . .
Me esconde no teu seio
para que ninguém veja
a gesticulação da minha prece
e as súplicas de amor que eu faço
à solidão. . .

CINEMATOGRAFANDO O AZUL

Teatro da tarde. . .
Cinematografia do azul. . .
A platéia está repleta. . .
No fundo
côncavo docel vermelho.

A tarde retira o sol da cena
e desce o véu da noite sobre o palco
para mostrar
o corpo latecente e nu das bailarinas. . .

Vedes a primeira !. . .
Que linda !. . .
Da sua epiderme ardente
escapam reduções de fogo
sob o olofote manso do crescente. . .

Maravilha !. . .
Minha luneta já não distingue mais. . .
São tantas !. . .

— Sedução !
Vale bem ser uma estrela
bailando no azul !. . .
Bela coreografia
ao deslumbramento cristalino
dos olhares reverentes. . .

MALANDROS DA MEIA-NOITE

Ao sintético Théo Tostes

Bailarinas fascinantes
dançam nuas pelo azul. . .

A menina dos meus olhos
apaixonada
beija o corpo em luz das dançarinas. . .

E aquele malandro crescente
num ar de sultão indiferente
ensimesmado no seu fado
põe gritos de revolta nos meus nervos. . .

O meu desejo está tão triste
e os meus olhos tão alegres. . .

Eu queria ter tudo o que tu tens
dentro da boêmia azul desse teu sonho
Oh ! Malandro sultão da meia-noite. . .

FIM DE CÉU

Senhor das coisas belas
como é tão grande e tão bonito esse teu céu
que não há quem o não queira para si. . .

É o único lugar
que está sempre aberto para todos
porque não há egoísmo nem discórdia. . .

Um dia entrei nele por descuido
e saí maravilhado
de tantas coisas belas
que nunca foram vistas. . .

Vi a farra dos bailados luminosos
e o encanto do infinito
na claridade nua das estrelas. . .

Adormeci num lençol de plumas
ouvindo a estranha música do céu
e bendizendo a boa paz
dos que sabem esquecer. . .

CÂNTARO DE MADRUGADAS

GRAVURA EM BICO DE PENA FEITA
PELO AUTOR - Dec. 1930

MARAVILHAS NUAS

Eu amo
a plástica nua da verdade. . .

E é por isso que eu espreito
horas inteiras
na alcova azul do firmamento
as dançarinas luminosas do empíreo. . .

Fico extasiado
a ver como elas passam
e repassam
acariciando a íris castanha dos meus olhos. . .

Como é belo contemplar
as maravilhas nuas da criação !. . .

URNA DE RUBIS

Quando eu parti,
você ficou chorando
e não viu
uma só lágrima pingar
dos olhos meus já tão cansados. . .

Tive pena de você. . .
Mas,
se você pudesse abrir meu peito
veria então,
uma urna ensangüentada
cheia,
bem cheinha de rubis. . .

Então, eu te diria:
— Olha!
Essas pedras preciosas
creio que foram lágrimas revoltadas
que aí morreram petrificadas. . .

MORADA VAZIA

A dona daqueles olhos castanhos
de face clara,
madeixas ruivas onduladas,
lábios polpudos vermelhos,
gorduchinha,
passou aqui,
aqui bem rente
da morada vazia dos meus olhos. . .

Um pedacinho de vida e
encheu meu peito. . .

Mas depois,
depois
ele ficou bem vazio,
porque ela passou e não voltou. . .

A DANÇA DOS NOIVADOS

Colhi o pedacinho de céu
que tinha mais estrelas
e fiz um céu pequeno para mim. . .

Soltei dentro dele
o meu balãozinho bem vermelho
que tinha no fundo
o coração da minha noiva. . .

E o balãozinho do meu sonho
subiu. . .
Subiu bem alto !. . .
Bebeu a luz clara das estrelas
e brilhou mais forte do que elas. . .

E os bonequinhos multicores
que enchiam de algazarra
a platéia dos meus sonhos
aplaudiram a festa luminosa
e começaram a dançar
a dança dos noivados. . .

A FARRA DOS CRISTAIS

Havia
nos bordos da tacinha delicada
o riso das espumas derramadas. . .

A tacinha era do cristal mais fino,
que os meus olhos fabricaram. . .

A espuma era bem vermelha,
porque era a espuma do meu sangue. . .

Havia um baile de cristais
com risos e espumas coloridas
na vitrine dos meus olhos. . .

Mas as minhas mãos,
aventureiras do meu sonho,
profanaram a festinha descuidada. . .
Enlaçaram nos dedos longos
a cintura esbelta
da rainha dessa farra
e a depuzeram no altar da tua boca. . .

E o sangue dos teus lábios
banhou-se
na espuma do meu sangue. . .

E arrancaste a minha vida
do ninho bem pequeno da tacinha
para guardá-la no coração da tua boca. . .

BÊBADO DE LUZ

Sublime !. . .
É o alento que sinto
vendo-a. . .
Vibro célula por célula. . .

Herege da perfeição
profanei-a
desnudando-a de tal forma
para encher de belo,
de sublime
a minha retina tão vazia
que não viu
a milésima pureza do puro. . .

Lacteas verdades
estatelaram a laciva dos meus olhos. . .

Um bloco de alabastro contorneado
palpita em polpas vivas. . .

Dois capulhos tímidos
escondem dois pomos brancos
onde fremem
duas pitangas maduras. . .

Uma série de ondulações palpita
e todo meu ser agita. . .

Um perfil perfeito
desfeito
em curvas e sinuosas !. . .

Nunca vi geometria mais graciosa !. . .

E é por isso
que me estou sentindo bêbado,
bêbado de luz. . .

VENDO UMA COROLA

Fui colibri
e fiz meu ninho
na corola de uma boca. . .

No sangue dos rebordos
chupei beijos a valer
e senti melhor
a vontade de viver. . .

MEU ROTEIRO

Ao Dámaso Rocha

Eu quiz seguir caminho diferente
no roteiro do destino. . .
Tracei uma estrada bem tortuosa
e caminhei ao longo dela. . .

Andei pelas matas mais escuras
bebi a água mais pura de todas as fontes
ouvi o canto do passarinho mais canoro
mergulhei meus dentes na polpa gostosa
dos frutos maduros
bordei com meus passos
a orla dos outeiros
subi a mais alta das montanhas
e sentí-me poderoso nas alturas. . .

Mas havia lá mais alto
uma festa tão esplêndida
com princesas nuas a dançar
fazendo zombarias dos meus olhos. . .

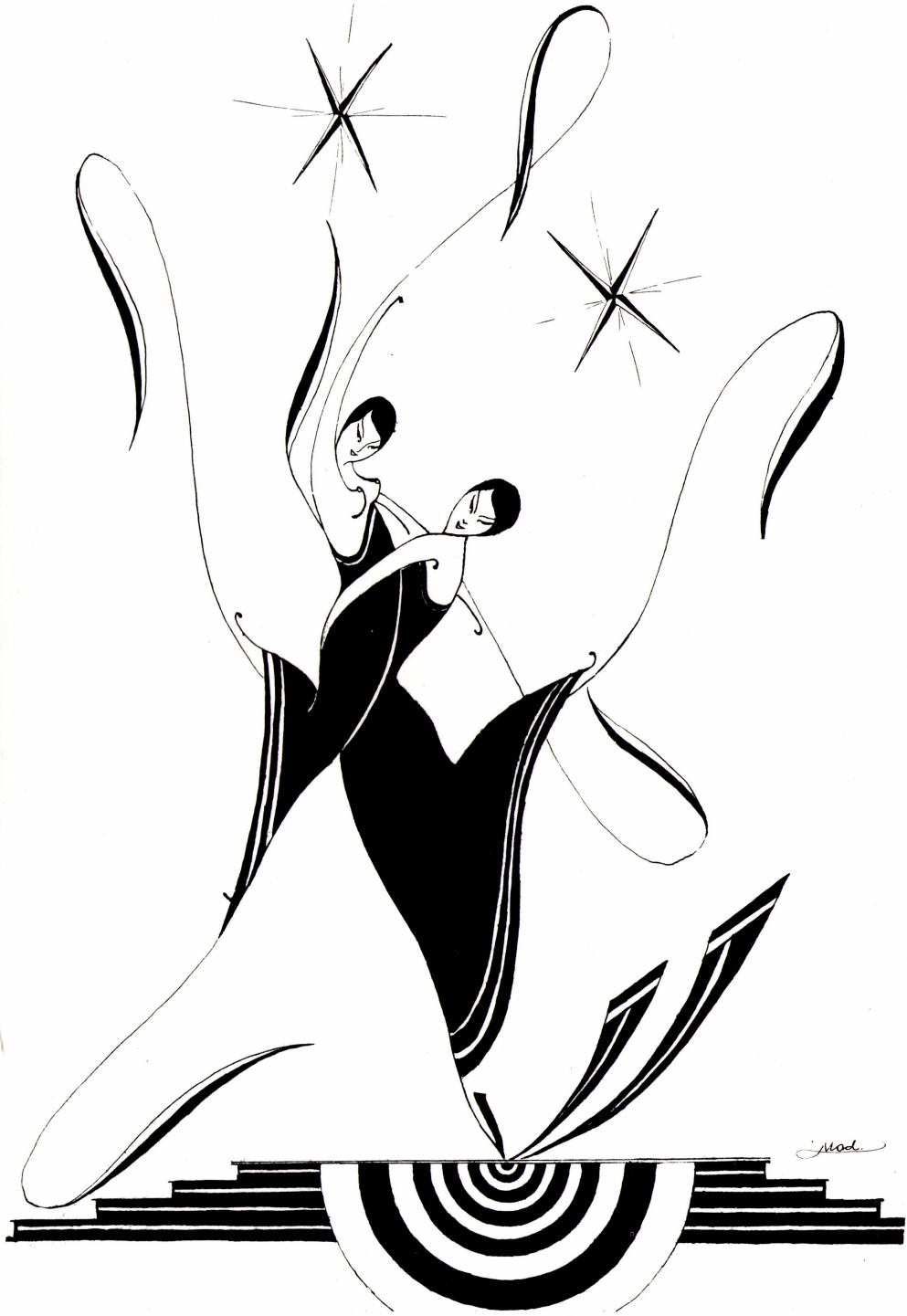
Dei gritos de ansiedade
e estendi meus braços para elas
mas meus braços não alcançavam
a lonjura do infinito. . .

— Não era possível mais galgar !. . .

Então, lancei-me no flanco da montanha
e caí rolando no abismo de mim mesmo. . .

ROSÁRIO DE ESTRELAS

GRAVURA EM BICO DE PENA FEITA
PELO AUTOR - Dec. 1930



MORITZ

Moritz. . .
Estrela d'alva que nasceu de madrugada
e fugiu da luz do sol. . .

Tinha os olhos bem abertos
e castanhos como os meus
uma tez morena viva,
cabelos crespos sedosos
e o resvalar de curvas lisas
no caule virgem do meu corpo. . .

Era bonita !. . . Bem bonita !. . .

Quem dirá !
Um dia veio um barco aventureiro
e a levou para longes terras,
onde foi princesa outrora. . .

Quando ela partiu,
ficaram presas na urna do meu peito
aquele aperto de mão bem longo,
o apito angustioso do vapor
e o aceno do lencinho branco
que ia fugindo. . . fugindo. . . fugindo. . .

ZILDA

Zilda. . .
Era ruiva esmeralda
e tinha os olhos de céu puro. . .

Era a mimosa mascotinha
dos meus dias de estudante. . .

Imaginem só !
Doze anos apenas
e eu sentia um tal afeto
por ser ela assim pequena. . .

Sabia ter desdem tão fino
que me deixava mais cativo. . .

Nunca deu-me um sim
e isso mesmo
era o que mais me seduzia. . .

Lutei em vão por dominá-la,
mas um dia partiu
— a mascotinha dos estudos !
Fiquei bem triste,
estudei mal
e nunca mais pude esquecê-la. . .

VANDA

Vanda. . .
Tinha tanta bondade nos olhos
e tanta meiguice nos gestos. . .

— Mas tinha de ser assim:
Dona Vanda !. . .

Um olhar apenas,
um aperto de mão,
uma valsa bem dançada,
um lento afastamento. . .
Um romance que se corta
num ponto de interrogação. . .

JUREMA

Um dia na floresta
onde havia tanta passarada
meus olhos deram
com o perfil gracioso da Jurema. . .

Foi a avezinha mais terna
que alentou a minha vida. . .

Mas o destino tem mil voltas !. . .
E um dia, quando arrependido
voltei ao seio da floresta
não vi mais a Jureminha. . .

Hoje !. . .
Jurema tem um ninho.
Alguém que a ama muito
e o mais puro amor
que uma mãe pode ganhar. . .

BIZARRO

Tinha os olhos tão serenos
como o espelho manso da lagoa
que ficava ali bem perto
do palácio onde nascera. . .

Quando o pezinho da Bizarro
mergulhava no fundo d'água
os círculos se abriam cheios de graça
para encher de festa a sua passagem. . .

E a lagoa ficava cheia de fulgor
porque via nos olhos da Bizarro
a mansidão de todos os lagos. . .

A lagoa guardava no fundo
a coroa do silêncio
para ser ofertada à estrela mais linda
que ali viesse dançar. . .

Bizarro guardou com desvelo
o coroa do silêncio
e por isso ela refletia no olhar
a fatalidade de todos os silêncios. . .

Bizarro !. . .
Bizarria de um sonho doce
que fugiu das minhas mãos. . .

MARIA

Maria. . .
Eu queria que esse nome
tivesse os mesmos predicados
que teve a bondosa mãe
do melhor dos homens. . .

Gostei daqueles olhos bem azuis
que guardavam a paz dos lagos dormentes
e parecem ter no fundo
um céu todo estrelado. . .

Era linda,
mas volúvel como a vaidade. . .

Estávamos dançando,
quando ela pediu-me licença
por estar muito fatigada. . .

— Está muito bem !. . .
Mas o pior de tudo
é que lá se foi dançar
com o rapaz da escola militar. . .

DÁLIA

Essa tinha o melhor condão,
porque havia nascido
com as letras do meu nome na sua mão. . .

Trouxe para mim
o brinde da luz mais pura
que meus olhos procuravam. . .

E prendeu para sempre
num elo de ouro a minha vida. . .

Dessa é melhor nada falar
para que as outras todas
não me fiquem desprezando. . .

POTTHOFF

Fidalga de sangue azul
a condessinha Potthoff
tinha a magestade soberana
de todas as princesas. . .

Mulher ideal e idealista !. . .

Andava cheia de sonhos lindos
e queria ser algo mais
que princesa das mulheres. . .

Queria ser soberana das ciências
e estudou jurisprudência. . .

Ela passou,
mas fiquei pensando. . .
Que será de mim
e dos homens meus irmãos,
quando as princesas legislarem ?. . .

MARIA HELENA

— Filha !
Você está vendo esse ninho
de passarinho
lá bem alto
num galhinho desse pé de guatambú ?

Está tão alto !
Longe das emboscadas maliciosas. . .

Quando contrasto
teu coração pequenino
e o bojo morno daquele ninho
chego a invejar a sorte dos passarinhos. . .

Mas, também. . .
— Decepção !
Se a tempestade bate lá. . .
Era uma vez !. . .

— Filha !
A felicidade é como esse ninho
de passarinho
lá bem alto
num galhinho desse pé de guatambú. . .

EXCLAMATÓRIA ENCANTADA

GRAVURA EM BICO DE PENA FEITA
PELO AUTOR - Dec. 1930

CÁLICES DIVINOS

Benditas sejam as mãos
que se abrem devagar
bem devagarinho
como um afago de gotas geladas
caíndo pausadas
sobre uma cabeça em febre !. . .

Benditas sejam as mãos
que sabem deslizar os dedos longos
sobre as almas que choram
como se fossem dez gotas de orvalho
fazendo rir de novo
o coração das corolas que murcharam !. . .

Benditas sejam as mãos
que se alongam na distância
para colher a inundação da luz
e derramar a paz nos corações desertos !. . .

Benditos sejam esses cálices de neve
que são divinas quando feitas
para umedecer as corolas secas
e encher de bençõe e perdões
a taça vazia dos descrentes !. . .

ESPASMO CINZENTO

Bailam no fogo azul das minhas olheiras
em sonâmbulas espirais
visões fantasmagóricas
etéreas
balsâmicas
de um mundo estranho. . .

Seduções espiritualizadas !. . .

Mórbidas visões de uma fotosfera
que eu anseio há tanto tempo. . .
São os sonhos brancos
da minha alma atribulada. . .

Sublimização tênue do meu ser. . .
Essências macias
de gases transparentes. . .
Delicadesas tépidas de vapores. . .
Utopia imaginária do meu sonho. . .
Fluídicas coreografias do silêncio. . .
Espasmos cinzentos do meu Ego. . .

INUNDAÇÃO

Lá vai subindo silenciosa
na torrente azul
a igara do crescente. . .

A princesa loira das madrugadas
impelê-a com seus remos estrelares. . .

Bailam na torrente
os silfos das estrelas. . .

Inundação !

Sobe. . . Sobe. . . Sobe. . .
Paulatinamente
o refluxo da alvorada
e lá se vai torrente abaixo
a leve igara do crescente. . .

Fico a pensar que o meu sonho se foi
dentro daquela casquinha branca. . .

SONHO DILUÍDO

O meu sonho dessa noite
era tão bom!

Uma seqüência de coisas belas
embaía meus sentidos. . .

E você
Isatí !
Era a irradiação celeste
nessa orla embalsamada
de mistérios diluídos. . .

Havia em tudo
o espasmo adormecido
de uma vida extramundana. . .

E eu nadava
numa eterna suavidade. . .

Você me apagou o medo da morte
nesse mundo de mistérios. . .

Então, eu te abracei
e morri.
Acordando,
deixei-te abandonada
no mundo encantado dos meus sonhos. . .

O BEIJO

O beijo
xilificação ébria de dois desejos. . .

Duas almas que se transfundem
no transparente ciclatão vermelho
dos papilos que latejam
na flor dos lábios mornos. . .

Pólos opostos
que se unem fluídicamente
num conúbio delicioso
estabelecendo num coração e noutro
as alternativas elétricas do amor. . .

ILUSÃO - REALIDADE

Ilusão !. . .
Fruto verde da realidade
que já parece maduro e bom
sem o ser. . .
Fruto lindo e prometedor
que alimenta a esperança. . .
Fruto saboroso demais
ao engano delicioso dos desejos. . .

Realidade !. . .
Fruto maduro da ilusão
que nós colhemos todos os dias
na árvore sombria da vida. . .
Fruto amargo demais
às fantasias da imaginação. . .

ORGULHO

Tardou-me a vir
essa frutinha boa
que ainda o ano passado era semente. . .

Tive a impaciência de esperá-la tanto tempo
e agora,
tenho a satisfação de vê-la,
assim rosadinha,
entumecida,
sedutora. . .

Palavra !
Até tenho pena de colhê-la.
Parece que minha alma se resente
de deixar o caule tão sozinho. . .

Não sou orgulhoso,
mas dessa vez tive orgulho.
Muito orgulho !
De ver sorrindo à meus olhos
esse fruto bom do esforço. . .

INVEJA

Entronizada
no andar da brisa
branda passava
uma onda perfumada. . .

Mensageira de um rosal todo em flor
ela veio
sutilmente infiltrar-se
na trama olfativa do meu ser. . .

Mas ela é furtiva
mal rouço-me a pituitária
e se foi ligeira
renovando olfatos. . .

Era a alma transladada
de uma roseira decepada

— Inveja !
Eu queria ser
um pé de roseira todo em flor. . .

ESPERANÇA

Quando se abriu de par em par
a grande porta verde
que dá para o azul da minha vida
e onde nenhuma teve permissão de entrar
dona Esperança entrou fazendo festa. . .

Ela trouxe para mim
as credenciais d'El-rei Destino. . .

O seu corpinho
encheu de festa os meus olhos
e a sua voz
embebedou os meus ouvidos. . .

Havia
nas covinhas do meu rosto redondinho
e nas fileiras dos dentes alvacentos
a atração de todos os sorrisos
que as mulheres guardam dentro d'alma. . .

E toda minha vida se embebeu
na alegria das festas coloridas
e na harmonia dos cantos mais sonoros. . .

ARRABALDES

GRAVURA EM BICO DE PENA FEITA
PELO AUTOR - Dec. 1930

CONTRASTES

Dlom
do-lom. . .
Dlim
di-lim. . . A cidade entardece calmamente
ao som desse angelus dolente. . .

A tarde
desconsolada agoniza
em soluços de bronze
espalhando profusamente pelo espaço
ondas de dor e gemidos lassos. . .

Confundem-se
ironicamente
o riso e a dor.
A alma do que nasce, chora aquem
e a do que morre, descanta além. . .

CALCETEIROS

Os paralelepípedos
frios
das ruas da cidade
que tu pisas e olhas tão indiferente
têm para mim expressão inenarráveis e pungentes. . .

Ao vê-los
irrefletidamente dirás:
— Almas mortas !. . .
E eu, que ali vejo o sangue e o suor de um dia inteiro direi:
— São as almas vivas dos pobres calceteiros. . .

E aqueles milhões
de almas vivas
sofrem
quando lhes caleam os pés indiferentes da opulência
e riem quando neles dança a alma da indigência. . .

A alma
da indigência
é sua irmã. . .
É a única capaz de ouví-los e entendê-los
porque eles lha deram pão e lenitivo a seus desvelos. . .

Vedes estas ruas
tão largas !
Tão amplas !
Cada granito que as nivela é um litro de suor
que juntos formariam um oceano de dor. . .

Cuidado !. . .
Um pedaço de granito
retalhado
é a alma viva de um rude calceteiro. . .
Alma boa que sabe bem ganhar o seu dinheiro. . .

PORTO ALEGRE

A memória de Octávio Rocha

Foi um dia
um sonhador.
Um grande sonhador,
que encontrou no decorrer da sua estrada
uma massa de argila já meio moldada. . .

E, como tinha
bastante engenho
e arte
entendeu modelar aquela figura morta e fria
para fazer dela coisa nova, de mais simetria. . .

Eí-lo
com o buril na mão. . .
Talha os relevos. . .
Retifica as curvas, corta as sinuosidades. . .
São mãos de artista, têm mil habilidades.

Era um projeto
que há tanto sonhara
e prometera realizar. . .
E em pouco aquela massa de argila disforme
tinha uma configuração mais conforme. . .

Era o relevo
artístico
e bem lavrado
de uma cidade linda e bem alegre. . .
Estava remodelada Porto Alegre. . .

Ergueu-a
um herói
que não teve monumento. . .
Um homem cuja gratidão dos demais
foi dar-lhes sete palmos de terra e nada mais. . .

TÍMIDA PAISAGEM

Tímida
paisagem
o fundo das casas !. . .
É uma outra cidade de mais simples aparência
onde contrastam-se a singeleza e a opulência. . .

Espalham-se
nos pátios sombrios
poesias de aldeia. . .
Ali vicejam latadas verdes, agonizam caules esmarridos
ou crescem heras e musgos sobre os muros derruídos. . .

Noutra parte
são áreas secas
de cimento frio
onde, estendidas, secam roupas ao calor voraz
lembrando quadros de Weingartner e Ferráz. . .

LÁ EM GUARAPARI

Lá em Guarapari
tem
uma palmeira que me chama
sozinha à beira mar. . .
Deixo Porto Alegre
e me toco para lá.
Vale bem lá viver,
vale bem lá morar. . .

Lá em Guarapari
tem
uma palmeira que plantei
nas rochas da beira mar. . .
Deixo Porto Alegre
e me toco para lá.
Vale bem lá viver,
vale bem lá morar. . .

Lá em Guarapari
tem
uma palmeira que me chama
sozinha à beira mar. . .
Deixo Porto Alegre
e me toco para lá.
Vale bem lá viver,
vale bem lá morar. . .
— Lá em Guarapari. . .

INGAZEIRAS DO GUAÍBA

Ingazeiras do Guaíba
florindo rente à margem
tão mimosas, tão gentis,
onde horas eu passei
bebendo a imagem dela. . .

Ingazeiras do Guaíba
florindo junto à margem
com velas lá distantes
e granitos sob o sol. . .

Esbeltas ingazeiras,
que tanto amor me deram
no murmúrio das águas
venham dizer-me agora
para onde se foi ela ?. . .
O céu resplende azul
na margem lá distante,
os risonhos bangalôs
no vidro das janelas
refletem a luz do sol. . .

Ingazeiras do Guaíba
falai-me dela agora,
porque esta saudade
me repuxa o coração !

COLAR DE ORQUÍDEAS

Estremecem jacarandás
em lilás orgasmo. . .
Bela mesmo é a palmeira grande,
que ponteia a catedral
na Praça da Matriz !. . .

Tremulinando
seus leques de palma
no azul do céu. . .
Toda garrida
com seu colar de orquídeas,
florindo em volta
do corpo esbelto. . .
Em seu palmedo trilam
pardais bulhentos. . .

Nem o monumento alí pertinho,
na solene fala muda,
do que fez Dr. Castilhos,
me diz tanto
como o riso das orquídeas. . .
No coração delas
canta a natureza inteira
na explosão das flores,
enquanto ao pé da palmeira
no jardim da infância,
que ela sombreia,
flauteia
o riso das crianças. . .

A CAMINHO DO CREPÚSCULO

A murada do cais
abre a bocarra da manhã
num boquejo de modorra
expelindo um hálito de neblina;
o Outono. . .

Um sol londrino
bonito
lento sobre o zênite
ostentando
uma bela panóplia de ouro fosco
sobre a densa opacidade da névoa. . .

Lá detraz daquele guindastre
parece uma aranha de ouro
emaranhada
nas varilhas de ferro. . .

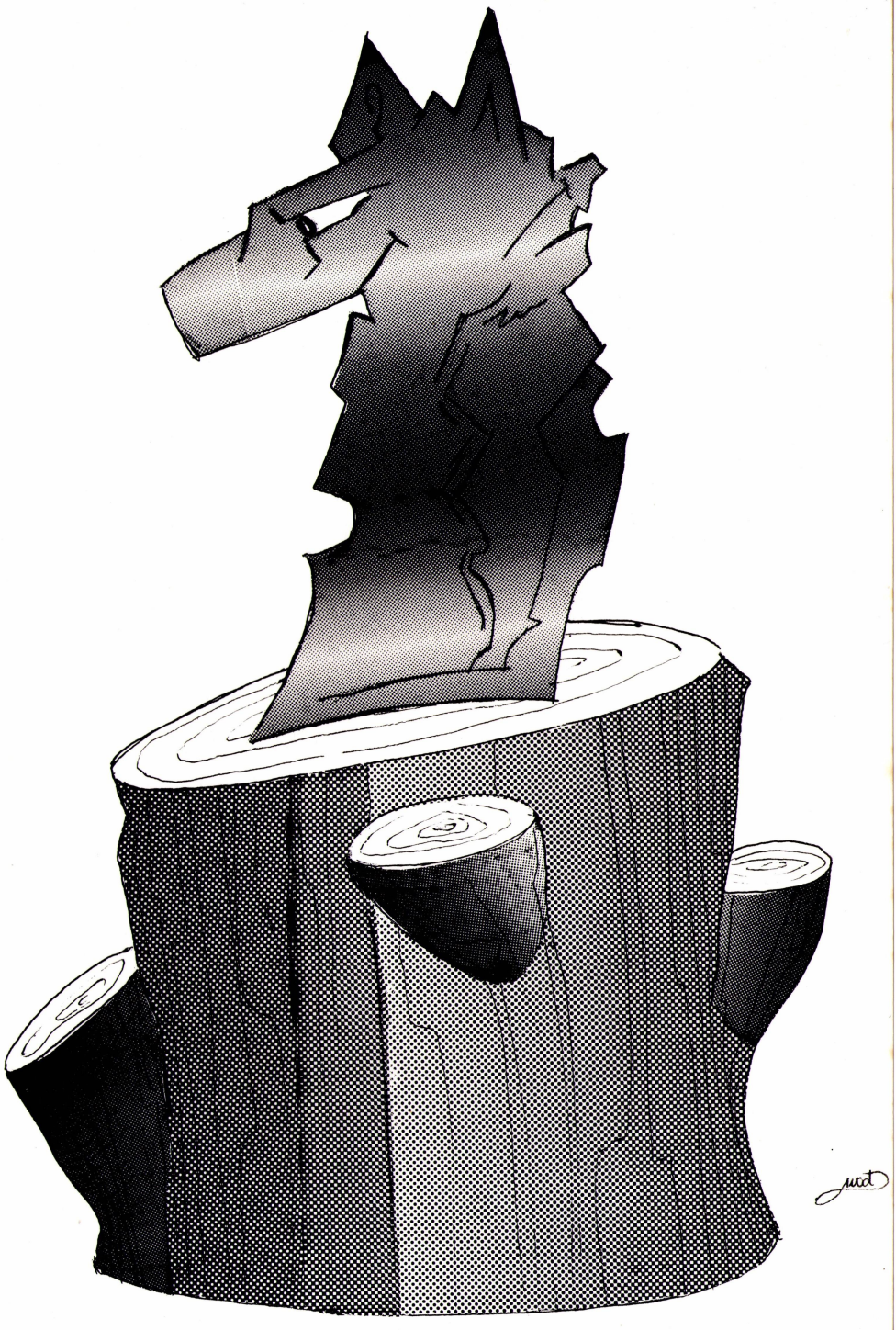
A trama das varilhas
desenha um enredo grandioso
no disco luminoso. . .

Observo como ele
sensivelmente,
lentamente,
deixa a trama de aço
e sobe no espaço
seguindo sua jornada rotineira. . .
— Vai a caminho do crepúsculo !

— Fiquei a pensar !. . .
E pensei tanto,
para ver afinal
que estou seguindo
a mesma rota que o sol. . .

ULTREX
MEU BURRICO DE LATA

GRAVURA: REPRODUÇÃO DE "CROQUI"
FEITO PELO AUTOR EM 1975



ULTREX

Não há no mundo coisa igual
a U L T R E X
meu burrico de lata. . .

Valioso,
porque seu artífice
foi o azar do mundo. . .
Foram pedradas de moleques,
pontapés de vagabundos
e trompaços de toda sorte. . .
— Monumento sofrido!
— Destroços de batalhas!

Velha lata de gasolina
toda enrugada,
lascas para cá,
cotovelos para lá. . .
Um alongamento
que lembra um focinho
e pontas salientes
que lembram orelhas
de um burrico maltratado. . .

Pintei-o gracilmente
com todas tintas do arco-íris
e coloquei-o num toco de caroba. . .
Num retângulo amarrotado
lê-se ainda:
Standart Oil Company. . .

Convidei o mundo oficial
para ver meu monumento.
Olharam-no,
depois olharam para mim
com semblantes de parvalhos.
Em seus olhos fuzilantes
não pude traduzir
que significado deram
ao que viram. . .

Eí-lo U L T R E X
meu Platero ultrabacana
obra prima do azar do mundo !. . .

A MENSAGEM DA POESIA

O poder criativo da poética
é como um cofre fechado
que somente seu dono
abre e fecha
na chave inspiratória.
Cofre de surpresas nunca vistas
cheio de mensagens sempre novas. . .
Há poetas
que trazem mensagem
para a hora,
há os que a trazem
para o tempo,
há os que a trazem
para a eternidade. . .

Mensagens de amor !
Mensagens de ódio !
Mensagens de alerta !

Há poetas que não entendo.
Há poetas que não me entendem.
Mas quem
até hoje entendeu Cristo ?
Quem
até hoje entendeu Marx ?
E por isso,
quanta sujeira em nome deles !
Vejam lá mensageiros da beleza
de um jato não se alisa o mundo !. . .

NUM BANCO DA PRAÇA

Mariazinha das flores dorme.
Dorme num banco da praça.
Indiferente o povo passa !. . .
Seu anjo da guarda é um velho
ramalhudo jacarandá. . .

Quem foi Mariazinha das flores ?
Ninguém o sabe !
Assim é chamada pelas flores
que sempre leva consigo. . .

Encolhida no banco
como se aquilo fosse
a melhor cama do mundo
ela dorme. . . Dorme. . . Dorme. . .
Cadê a coberta que alguém largou
em cima do teu corpo
naquela noite fria,
Mariazinha das flores ?

Um dia uma chuva colhêu-a.
Ah! Foi o tempo de pegar as flores
os badulaques de pobreza
e correr para baixo do saguão
do Palácio da Justiça. . .

Dorme a noite toda !
E no esplendor de seus palácios
brilham em redor da praça
o **Poder**, a **Lei**, a **Justiça** e a **Fé**. . .

HÓSTIAS

Todos os produtos vivos da terra
estão se dando em sacrifício pleno
pela nossa vida. . .

Assim a ave
assim a uva. . .
Assim a vaca
assim o peixe. . .
Assim o trigo
assim a couve. . .

Hóstias de salvação do corpo !. . .

Pleno se deu Jesus
em holocausto a todos nós
dizendo no simbolismo da ceia:
— Bebei deste vinho
é meu sangue. . .
— Comei deste pão
é meu corpo. . .
Para entender a elevação da vida
temperai-os
no açúcar de vossas preces. . .

Hóstia de salvação do espírito !. . .

POSTALISTA SÓ

Sozinha no plantão
domingo à tarde
vendendo selos e mais selos. . .

Postalista só
que viaja o olhar apressado
na escrita do envelope:
Rio - Nova Iorque - Berlim !. . .
Roma - Londres - Paris !. . .
Buenos Aires - Moscou - Pequim !. . .

Alguém se lembra dela
num gesto a mais
que o toma lá e dá cá
para ofertar-lhe
um pinguinho de cordura?

— Postalista só
toma este bombom "Amor Carioca"
trazido lá do Rian
que diz um pouco mais
do que a secura dos que passam
sem contemplar
o fundo claro de tua alma. . .

TRAPO

Trapo inerte
de mulher morta
aplastada no asfalto. . .

Em Porto Alegre dos Casais
uma DKW lascando 80
na avenida João Pessoa
— que o asfalto convida
lançou-a de chofre
no rol do nunca mais. . .

Quem será ?
Pobre trapo da vida
cruzando as ruas da cidade !
Ali ficou deitada
com os olhos muito abertos
eternamente olhando a altura
para lá de um céu tão lindo
todo matizado de trapos multicores
— aonde ela com certeza
lá se foi. . .

Saí dali
levando n'alma
um sabor pardacento
de piedade e de amargura. . .
Por que será que o rueiro
nos dá coisas assim ?

CONTRADEUS

Contra Deus não sou.
Sou antes contra
os que usam esse nome
para iludir a humanidade
pondo-lhes mel nos lábios
e pontaços de fel no coração. . .

O reflexo
dessa heresia secular
gera o torvelinho duvidoso
sanguinolento e rancoroso
em que se debate o mundo. . .

O Supremo Bem
não se concebe assim !. . .
Há de estar sempre
dentro do real sentimento humano
melhorando a sorte de todos
com igual oportunidade
fazendo que o rico desça
e o pobre suba
alguns degraus a mais
na escalada do bem social. . .

QUEM ME SALVA ?

Do fundo do poço
dos meus pecados
imerso até o pescoço
olho lá em cima
o bocal azul
sarapintado de estrelas. . .
No rebordo circular
percebo imagens movediças
tão pequenas e distantes. . .

E o Anjo não desce
apesar da prece. . .

Quem me salva ?
O Anjo da vida !
O Anjo da morte !
Ou quem sabe
uma roldana forte
uma corrente de aço
e uma caçamba que carregue
o universal da minha vida. . .

Seja agora minha súplica
ao dono
da roldana e da corrente.

A BOMBA

A Índia ganhou a bomba.
Outras nações irão ganhá-la !. . .
Mas pra que serve a bomba
meus irmãos?
Que proveito traz ao mundo?
Nenhum !. . . Nenhum !. . .

Ela contém no bojo em fogo
a expressão total
do ódio humano. . .
Em vez da bomba
que cinzifica tudo
ergo minha taça de guaraná
e ofereço a cruz que traz no bojo
a máxima expressão do amor humano. . .
Amor
que faz sorrir crianças e flores
no horizonte claro de um mundo em paz. . .

GIRA - VIDAS

Ao Poeta Mário Quintana

Quintana disse:
"A vida nutre-se da morte
e não a morte da vida"

Cá pra mim:
A morte é um fenômeno
que gira dentro da vida.
Quando a vida vai-se
o giro cessa.

A vida é um fenômeno
que gira diante da morte.
Quando a morte vai-se
a vida gira.

COROA AMARELA

Coitado. Morreu na frevai.
— Morreu onde ?
Na frevai.
— Na frevai ?
Sim.
— Frevai ! O que é isso ?
Ora. Tá escrito no jornal.
Trafegava a 180 na free-way
quando deu no buraco
e o carro capotou.
— Xomico. Frevai !
E para que serve
a bela portuguesa língua ?
Pra inglês roer. Né?

Mas onde há poesia nisso tudo ?
Numa touceira verde
de malmequeres amarelos
à margem da rodovia
e no centro dela
entre máculas vermelhas
uma cabeça jovem
cabelos anelados
barba cubana
dormindo. . .
Dormindo eternamente !. . .

ANTEVISÃO

Ultrex
meu burrico de lata
imagina ser
um burrico de verdade
e assim desenrola seus cismares:

— Agora
é disputa diplomática
depois será competição
e depois guerra
do mundo amarelo contra o branco
do mundo negro contra o branco. . .
Quem vencer
dominará o mundo
até a era da revanche. . .

Tão cedo o germe guerra
não larga o mundo
até que chegue o ideal
do pleno amor universal
postado muito além
do Terceiro Mundo. . .

Mas ?. . .
O pasto está tão lindo e verde
lá na várzea !. . .
Vamos a ele. . .

GRITO NOVO

GRAVURA EM BICO DE PENA FEITA
PELO AUTOR - Dec. 1930

PONTINHO

Minha vida não tem círculos
é um pontinho
e desse pontinho
irradío os fios da minha idéia
para onde quer o meu querer. . .

Se nas rais de um círculo
eu encerrasse minha vida
ficaria no dever
de arredondar minha inteligência
e jamais consentir
que ela transponha seus limites. . .

Mas isso não me agrada
porque minha idéia errante
como os ventos do universo
quer ir sempre avançando
e destroçando barreiras
em busca da imagem bonita
que o infinito tem o capricho
de ir sempre arrastando
para o fundo das lonjuras. . .

Dentro de seu círculo
cada um ora pelos seus
e eu
fora de todos os círculos
oro por todos eles. . .

FALE DONA MORTE. . .

Tem a palavra Dona Morte !. . .
Mas por favor
diga tudo sem dó nem piedade
e dissocie por completo
o amontoado podre que fui eu. . .

Feito isto
coloque a essência num prato da balança
e a escória no outro prato
para que todos vejam
como pesa mais a escória
que representa o lado mau
e como é bem leve a essência
que representa o lado bom. . .

Feito isto
invoque para o réu
o favor
de ter nascido num meio
onde as segregações da matéria predominam
e onde o mais santo
peca sete vezes por dia. . .

DOR OCEÂNICA

Este fluxo
e refluxo
das vagas na praia
parecem pálpebras já cansadas de chorar
a mágoa oceânica do mar. . .

E cujas lágrimas
ele as converte
em pérolas
no fundo ulceroso do seu leito
já em cancros de granitos feito. . .

Vê bem mulher !
Esta pérola
que tens no peito
custou, não o que por ela destes
e sim, a dor oceânica que a reveste. . .

FILOSOFIA
DO HOMEM QUE NÃO APARECEU. . .

O homem que não apareceu
disse:
— Se eu tivesse aparecido
não teria continuado
porque a luz do desencanto
inundaria
meu relicário de segredos. . .

Quero continuar botão em flor
vicejando todos os dias
e não se abrindo nunca
porque uma vez aberto
serei igual as demais corolas. . .

Quero que se desmanchem minhas pétalas
só depois de eu ser ceifado
para que ninguém possa dizer
que profanos beija-flores
andaram libando-me a corola. . .

PARA OS HUMILDES

Ao Vito Favale

No fundo da mata foi que eu vi
aquelas flores bem miudinhas
que não possuem a caridade de um olhar
porque se ocultam na sombra da ramagem. . .

Humilde das almas boas
que não nascem pra brilhar !. . .

Beleza das coisas que se escondem
pra não serem profanadas !. . .

Até no silêncio das sombras
há sempre um pouquinho de luz
para os olhos que procuram
e há uma voz de intimidade
para os ouvidos de quem ouve. . .

E há olhos que não querem ser luz na sombra !. . .
E há ouvidos que não querem ouvir no silêncio !. . .
E há gestos que não querem ser bons
na humildade de um carinho. . .

NO MEDALHÃO DE ESMALTE

Jovial e bela
um sorriso límpido tem ela !. . .
Em toda a jóia do rosto oval
transluz
um claro despertar de primavera !. . .

Gravado no medalhão de esmalte
rodeado de flores
— qual estrela no fundo da noite —
tenta o rosto jovial
reviver alegrias mortas
e encher de auroras
a erma desolação das cruzes !. . .

Aquele rosto tão lindo
que encheu de sol uma casa,
uma cidade e o mundo inteiro;
lá brilha ainda
na solidão das campas
com um sorriso de fazer chorar
a quem deveria sorrir também !. . .

DEVANEANDO

Partícula de Deus
aprisionada em carne
teu espírito habita
na vibração infinita !. . .

Poeta fica onde estás
nessa vivência indefinida
cantando os dons da vida
recebendo o que tem de vir
dando o que deves dar
e deixa os fatos rolarem
na consumação do Tempo !. . .
Aprende que o tempo não passa
quem passa somos nós !. . .

Um sinalzinho desse tempo
como átomo libertário
desintegrará teu vaso compressor
e em rápida mutação de planos
far-te-á mergulhar surpreso
na compreensão da Eternidade !. . .

Hás de ver-te enlevado
como um beija-flor encantado
numa floresta de harmonias
e teus lábios de estranha melodia
para Alguém hão de rezar
uma oração de beleza torrencial !. . .

E hás de sentir como todos impossíveis
irão facilmente agonizando
na cristalina simplicidade dos possíveis !. . .

IMANTAL

Ao sempre admirável
Kolomano Kalocsay

Aspiração de todos
ao cada-vez-melhor!. . .
Correr perene atráz da Verdade!. . .
Da verdade simples e bela
como a flor diante dos olhos!. . .

Viver - Lutar - Morrer
pela renovação da luz interna
na fé do Sempre-e-Sempre!. . .

Imantal!. . .
Fonte de um Ideal mais claro
mais puro e mais perfeito
guiando os rumos do mundo!. . .
meta ilimitada
da divinização social!. . .

Imantal!. . .
Expansão da claridade
que dissipa as trevas
e abre novas flores
todas as manhãs!. . .

GRITO NOVO

Fui um homem viajeiro
que me perdi no caminho da vida
e
quando me achei
dei um grito de espanto. . .

E o eco desse grito retumbou
na floresta dos meus dias
e a ramagem tremeu
e voaram papagaios assustados
e as orquídeas refloriram
e o cheiro bom do mato rescendeu
e a sombra ficou cheia de barulhos
e a fonte
mais sonora borbulhou. . .

Mas
esse momento foi tão curto
porque de novo
o silêncio se estirou
na floresta alfombrada dos meus dias
e tudo ficou dormindo
no acalanto macio da sombra
esperando o amanhecer de um grito novo. . .

QUANDO EU ME FOR

Quando eu me for,
não olhes na sala
a cadeira vazia,
nem espies lá fora.
Não verás nada. Não!. . .

Quando eu me for. . .
Olhas os jardins em flor,
o céu, as estrelas,
as águas correndo
no leito dos rios,
as nuvens passando
ao longo na serra,
e o vento ciciando
nas trêmulas folhas. . .

Quando eu me for,
dorme serena
que o sonho te dirá
aquilo que não
te pude mais dizer. . .

Pallotti

Av. Plínio Brasil Milano, 2145
Fone 41-0455 - P. Alegre - RS

10 pce

Quem se ocupa da recriação do real na busca do belo não tem lugar n'alma para o mal.

Daí, os poetas, como os artistas em geral, serem, a princípio, melhores do que o comum dos mortais.

Há poetas e poetas. Uns, no sentir, no viver e no fazer; outros, no sentir, no viver e no cantar. Todos, porém, numa relação de respeito e exaltação a vida.

M. Belmonte de Abreu foi poeta no amplo sentido. Quem o acompanhasse a um passeio por campos e matos testemunharia o carinho e o interesse de um naturalista a identificar plantas e bichos.

Na sua careira de magistrado abrandou a aplicação da lei com a sensibilidade de homem afeito aos sonhos. Sonhando trabalhou com afinco por um idioma universal. Lutou pela sua utopia — desfazer a imensa Babel em que se transformou o Planeta. Aprofundou e ampliou a língua de Zamenhof.

Por fim, dedicou suas horas de devaneio ao desenho e ao verso. Duas formas de expressão sobre as quais despejou sensibilidade e técnica. Esta Coletânea reune uma escolha de seus testemunhos sobre a vida e o mundo. Eles falam por si. Sinta-os prezado leitor.

Odilon Abreu

Quero que se desmanchem minhas pétalas
só depois de eu ser ceifado.